

ATLAS ENCICLOPÉDICO DOS SABERES TRADICIONAIS: REFLEXÕES SOCIOEDUCATIVAS NA AMAZÔNIA ORIENTAL-AP *

ENCYCLOPEDIA ATLAS OF TRADITIONAL KNOWLEDGE: SOCIO- EDUCATIONAL REFLECTIONS IN THE EASTERN AMAZON-AP

Bruna Fernanda S. de Lima-Padovani 1
Raimunda Kelly Silva Gomes 2

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a produção do atlas enciclopédico dos saberes tradicionais da Amazônia amapaense, como recurso didático-pedagógico que conecta os saberes tradicionais e locais no saber-fazer do cotidiano escolar, em escolas famílias agroextrativistas do Amapá, que pautam seus instrumentos de ensino na pedagogia da alternância, e suas bases epistemológicas na pedagogia da terra, popular freiriana e ecologia de saberes. As EFAs que integram esta pesquisa se localizam no Arquipélago do Bailique, Carvão (Mazagão), Beira Amazonas (Macacoari) no estado do Amapá. A metodologia adotada baseia-se numa abordagem qualitativa. Os resultados apontam que o trabalho que as EFAs vem desenvolvendo na Amazônia oriental é uma alternativa viável a uma educação que integre saberes tradicionais e locais ao ensino formal. Logo, podemos afirmar que o Atlas se constitui como um recurso pedagógico eficiente para uma adequação curricular voltada ao modo de vida das populações tradicionais que tem na terra, na floresta e nas águas o seu sustento e a sua existência ao mesmo tempo.

Palavras-chave: Alternância. Saberes. Educação do Campo. Atlas Enciclopédico.

Abstract: This article aims to reflect on the production of the encyclopedic atlas of the traditional knowledge of the Amapaense Amazon, as a didactic-pedagogical resource that connects traditional and local knowledge in the know-how of everyday school life, in agro-extractive family schools in Amapá, which guide their instruments of teaching in the pedagogy of alternation, and its epistemological bases in the pedagogy of the land, popular Freirean and ecology of knowledges. The EFAs that integrate this research are located in the Bailique Archipelago, Carvão (Mazagão), Beira Amazonas (Macacoari) in the state of Amapá. The methodology adopted is based on a qualitative approach. The results indicate that the work that the EFAs have been developing in the eastern Amazon is a viable alternative to an education that integrates traditional and local knowledge with formal education. Therefore, we can say that the Atlas constitutes an efficient pedagogical resource for a curricular adaptation aimed at the way of life of traditional populations that have their livelihood and existence on land, forest and water at the same time.

Keywords: Alternation. Knowledge. Field Education. Encyclopedic Atlas.

*Este artigo é resultado da pesquisa desenvolvida pela primeira autora desse texto no âmbito do Programa Institucional de Pós-Doutorado da Universidade do Estado do Amapá – PIPD/UEAP.

- 1 Doutora em Letras com ênfase em Linguística pela Universidade Federal do Pará. Realizou estágio pós-doutoral pelo Programa Institucional de Pós-Doutorado da Universidade do Estado do Amapá (PIPD/UEAP). Atualmente é professora de Linguística do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1468156070818032>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8504-3258>. E-mail: bflimapadovani@gmail.com
- 2 Doutora em educação pela Universidade Federal do Pará. Docente da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) no curso de Licenciatura em Pedagogia onde vem desenvolvendo atividades de pesquisa e extensão universitária, como líder do Grupo de Integração Socioambiental e Educacional (GISAE) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1668096856877502>. E-mail: rkellysgomes@yahoo.com.br

Introdução

As populações tradicionais amazônicas¹ concebem o território como a extensão de suas vidas. O território é o lugar onde todas as ações do homem acontecem, onde se realiza as práticas culturais, a produção material e simbólica, as interações entre o homem e a natureza, onde são criados, recriados e socializados uma série de saberes tradicionais e locais. O território apresenta-se para essas populações como espaço de formação humana.

Os processos educativos construídos pelos povos e comunidades tradicionais nos territórios onde vivem, envolvem o reconhecimento das transformações da natureza: os ciclos da lua, as estações, o movimento dos rios, os espaços para o cultivo, a identificação das plantas, técnicas de caça e pesca etc. Tais saberes são socializados ao longo das gerações. Os mais novos aprendem desde cedo com os mais velhos a observar a natureza e seus fenômenos, bem como as práticas de sustento local. A transmissão de saberes acontece pela realização de práticas agrícolas, extrativistas (animal e vegetal) e nas interações sociais. As populações tradicionais têm no território um fundamento para a construção de suas vidas, cultura e sustento.

Educar, neste contexto, é considerar a diversidade de saberes, as distintas maneiras de ver e se relacionar com o tempo, o espaço e o meio ambiente (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2004). O conhecimento, o reconhecimento, o respeito e a afirmação dessa diversidade sociobiocultural é fundamental para se construir processos educativos dinâmicos, significativos, integrados e articulados com a realidade das populações tradicionais.

A educação deve ocorrer de forma contextualizada, levando em consideração a diversidade das populações, respeitando suas diferenças e contemplando sua igualdade. Arroyo (1999) afirma que a educação nesse contexto deve incorporar uma visão mais rica do conhecimento e da cultura local, bem como da multiplicidade produtiva marcada pela realização difusa de atividades que envolve a floresta, a terra e as águas.

Nesse sentido, Freire (1983) afirma que a educação deve se constituir como um processo de partilha de conhecimentos, objetivando tornar os homens iguais. Para o autor a educação deve ser pensada a partir do contexto sociohistórico, natural, e cultural dos sujeitos. A educação não se limita a prática e reflexão pedagógica da escola formal, mas é dar sentido a própria vivência, compreender o funcionamento da sociedade e dar sentido ao mundo. É preciso, portanto, construir uma proposta educativa dialógica que promova a articulação dos saberes locais e tradicionais de forma a integrar o fazer pedagógico ao saber-fazer em alternância.

Considerando essa diversidade de saberes formada a partir do entrelaçamento dos diferentes povos e comunidades que constituem o complexo social da Amazônia amapaense, nos propomos a produzir um *Atlas Enciclopédico dos Saberes Tradicionais da Amazônia Amapaense*. A proposição de um atlas sobre os saberes tradicionais e locais² dos povos e comunidades que vivem no território amapaense tem como objetivo principal a valorização do conhecimento tradicional e local desta sociedade, bem como uma estratégia pedagógica para uma adequação curricular voltada ao modo de vida dos povos das águas, do campo e da floresta.

O atlas visa articular os saberes locais e tradicionais com a práxis educativa nos ambientes formais e não-formais de educação, pois compreende-se que a educação não é apenas o comprimento dos conteúdos estabelecidos, mas é uma prática sociocultural que se realiza coletivamente, transforma vidas e forma cidadãos comprometidos com o desenvolvimento comunitário.

Essa versão do atlas irá se debruçar mais especificamente sobre a complexidade sociocultural

1 Populações tradicionais, aqui nesse trabalho, se referem aos grupos culturalmente estabelecidos em um espaço geográfico, possuindo ligações intrínsecas e de interdependência com ele, obtendo dele os recursos necessários para sua sobrevivência e onde ocorre a manifestação de saberes, práticas e ligações espirituais e/ou místicas com a natureza, e que são transmitidas ao longo do tempo, através das gerações (ALBUQUERQUE, 2010; NASCIMENTO, 2013).

2 Neste trabalho, compreende-se saber tradicional como um conjunto de conhecimento, modos de fazer, criar e saber a respeito do mundo natural e sobrenatural transmitido oralmente entre os membros de um determinado grupo, transcendendo gerações; enquanto o saber local é o conhecimento que se realiza a partir das experiências/vivências que as populações vão tendo no seu cotidiano em sociedade; isto é, são saberes dinâmicos e mutáveis e que não necessariamente vão ser transmitidos para as próximas gerações (LEFF, 2004; 2011).

e ambiental de três territórios da Amazônia Amapaense, a saber: o Arquipélago do Bailique, o Carvão (Mazagão), e o Beira Amazonas (Macacoari). É importante destacar que o atlas será direcionado para as Escolas Agrícolas Agroextrativistas (EFAs) desses territórios, uma vez que essas instituições primam por uma educação baseada nos princípios da alternância (formação integral, associativismo, desenvolvimento do meio e alternância) (GIMONET, 2007), em que os saberes locais e tradicionais são basilares no processo educacional, princípios que esse material busca alcançar.

Esse texto busca, além de apresentar o atlas, fazer também uma reflexão acerca da relação entre território, saberes tradicionais/locais e educação no/do campo no contexto da Amazônia amapaense, pois compreende-se aqui o território como espaço de práticas, o lugar onde todas as ações humanas acontecem, onde se mobiliza conhecimentos e fundamenta-se identidade (SANTOS 2002; BECKER 2010).

Locus da Pesquisa: territórios e as escolas família agroextrativistas do Amapá (EFAs)

O Arquipélago do Bailique - está geograficamente localizado na Foz do rio Amazonas, fazendo limite ao Norte com o rio Araguari, ao Sul com o Canal do Norte, a Leste com o Oceano Atlântico e a Oeste com a região do Pacuí, numa área distrital rural do município de Macapá. Esse território é formado por oito ilhas, são elas: Ilhas do Bailique, Brigue, Curuá, Faustino, Franco, Marinheiro, Igarapé do Meio e Parazinho, sendo que esta última não é habitada. O Bailique conta com uma população de aproximadamente 10 mil pessoas distribuídas em 53 comunidades.

Os comunitários do Arquipélago se autodenominam comunidades tradicionais, conforme disposto na convenção 169/OIT, na Lei No11.284/2006 e no artigo 3º do Decreto Nº. 6.040/2007, pois desenvolveram ao longo de gerações, características peculiares de organização social e uso da biodiversidade local, com forte interação e interdependência com o ecossistema local (várzea estuarina), determinado por influência diária das marés (lançante e vazante), e por isso todo o sistema de vida é adaptado a essa condição.

Em 2013 iniciou-se o debate sobre a construção do Protocolo Comunitário, documento que estabelece uma série de regras sociais a serem cumpridas pelas comunidades participantes. O protocolo visa proteção aos direitos das comunidades, gestão do seu território, manejo, uso sustentável dos recursos naturais e proteção dos conhecimentos tradicionais.

As principais ações instituídas a partir do Protocolo Comunitário foram a criação do Comitê Vocacional Tecnológico (que atualmente está inativo); A Cooperativa dos Produtores Extrativistas do Bailique (Amazonbai); e a Associação da Escola Família do Bailique (AEFAB). Durante a construção do Protocolo Comunitário ficou também decidido que, por meio de suas organizações comunitárias, 5% dos recursos dos associados da Amazonbai seriam destinados para a manutenção da EFA do Bailique, para que assim as crianças e a juventude pudessem ter acesso à escola, sem a obrigatoriedade de sair de seus territórios para estudar os níveis Fundamental II e Ensino Médio. Tal iniciativa busca contribuir para a diminuição do êxodo rural e para a continuidade do trabalho desenvolvido pelas associações comunitárias locais.

A Escola Família Agroextrativista do Bailique (EFAB) ainda não se encontra em funcionamento. No entanto, as discussões acerca de suas bases filosóficas e percepções pedagógicas já vem sendo realizadas. Esse debate está se dando por meio da AEFAB, que entende a necessidade de formação e intervenção da realidade local.

A proposta da EFAB é se constituir enquanto espaço educativo que visa empoderar a população que compõe as comunidades locais, pautada nas bases da educação formal, bem como no saber fazer necessário à conservação e utilização consciente e sustentável dos recursos naturais existentes no Arquipélago do Bailique. A proposta pedagógica que se busca implantar se fundamenta nos pilares da Pedagogia da Alternância, proposta essa que considera que o tempo-escola e o tempo-comunidade proporciona aprendizagens formais e não formais, intervindo tanto na formação cidadã quanto na formação para o trabalho agroextrativista (voltaremos a esse conceito mais adiante).

Beira Amazonas - região litorânea que abrange o município de Itaubal Pírim e Macapá.

O Beira se destaca por sua rica rede hidrográfica composta pelos rios Piririm, Jupati e Macacoari e seus afluentes. O território Beira Amazonas é composto por vinte e duas comunidades que se localizam ao longo das áreas de várzea dos rios que cortam a região. Essas comunidades possuem uma forte tradição no modo de viver que está intimamente ligado ao meio ambiente e aos recursos que ele oferece. Uma característica que salta aos olhos, no que se refere ao modo de organização dos comunitários e a sua sobrevivência é o modelo de produção agroecológico, modelo que vem contribuindo para a sobrevivência do modo de vida tradicional dos seus moradores.

As comunidades do Beira estão intimamente vinculadas ao seu território. Não apenas por uma questão econômica de cultivo da terra para sobrevivência, mas, de garantia de continuidade de seus hábitos cotidianos, de seus ritos, da sua existência. Os comunitários constroem seus espaços com os elementos que compõem sua prática cotidiana de vida ligado ao trabalho, morada, lazer, atividades sociais e confraternizações internas e entre as comunidades próximas. As memórias dos mais antigos demarcam lugares que contam a história das comunidades e atribuem sentidos ao espaço que estão inseridos, preenchendo de significados e de identidade para os que compõem este grupo social. O território da comunidade, para além do espaço geográfico é também da produção cultural expressa nas roças, nas construções e distribuição das casas, no campo de futebol, na igreja, na escola, no centro comunitário, nas matas, nos rios e em tantos outros espaços de construção social. O território representa para a população do Beira Amazonas patrimônio cultural e identitário.

Entre as lutas travadas pelos moradores do Beira em prol do empoderamento local e da valorização das atividades socioeconômicas desenvolvidas na região, destaca-se a criação da Escola Família Agroecológica do Macacoari (EFAM)³, localizada na comunidade Nossa Senhora de Nazaré, na foz do rio Macacoari, zona rural do município de Itaubal, há 90 km de distância da capital Macapá.

A EFAM foi fundada em 2014, com caráter privado e comunitário, resultado de um processo coletivo. A escola é conduzida por uma equipe jovem e mantida pela Associação da Escola Família Agroecológica do Macacoari que, por sua vez, está disposta a enfrentar desafios para entregar uma educação de qualidade e contextualizada aos saberes tradicionais e locais da população que vive na região onde se localiza a instituição. Vale ressaltar que um dos principais cuidados traçados pelos fundadores da EFAM é o perfil do egresso a ser formado, pois compreende-se a necessidade de um ensino que dialogue com as vivências e saberes dos sujeitos Amazônidas inseridos no território do Macacoari (Beira Amazonas).

Atualmente, a EFAM atende nove comunidades, com oferta de vagas para Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Cabe destacar que a escola não atende apenas as comunidades que compõem a região do Beira Amazonas, território onde está inserida, mas abrange comunidades de outros municípios do Amapá, como por exemplo, o município de Mazagão.

Distrito do Carvão - está localizado no município de Mazagão, situado a 36 km da capital Macapá, estando seus limites entre os municípios de Santana, Porto Grande, Amapari, Laranjal e Vitória do Jarí, com uma população de aproximadamente 17.030 habitantes (IBGE, 2010). O complexo social que abrange o território do Carvão é formado por uma dezena de comunidades que se organizam às margens dos rios e igarapés que cortam a região.

Os moradores do Carvão possuem um enraizamento histórico camponês, com seu modo de vida e práticas culturais intimamente ligados ao uso da terra e com os recursos naturais que a floresta e os rios oferecem. Tal relação norteia a organização social, garante sua permanência no ambiente, bem como desenvolve nos comunitários diferentes saberes ligados à forma de uso e ocupação do território, ecossistemas e a biodiversidade presentes na região. Esse conhecimento, por sua vez, gera diferentes potencialidades como, por exemplo: a bioeconomia, produção de remédios caseiros utilizando recursos da fauna e flora (gorduras, cascas, raízes, folhas, ervas etc.) e pessoas com habilidades de cura e assistência à saúde – benzedeiras e parteiras.

A Escola Família Agroextrativista do Carvão (EFAC), localizada na zona rural do Distrito do Carvão, há 6 km da sede do Município de Mazagão – AP é um estabelecimento de ensino particular de caráter comunitário, sem fins lucrativos. A EFAC foi criada em 1997, como uma alternativa para a educação no campo, atingindo um público que estava sendo preterido do processo educacional.

³ A nomenclatura da escola foi escolhida, de início, apenas para diferenciá-la das EFAs até então existentes, porém, ao se debruçarem sobre o significado do termo “agroecológica”, perceberam que a definição se assentava, perfeitamente, aos objetivos a serem perseguidos pela escola.

Hoje, a EFAC oferta três níveis de ensino: Fundamental de 5ª a 8ª série, Ensino Médio e Curso Técnico Profissionalizante em Agroextrativismo (em fase de reconhecimento).

A EFAC vem atendendo alunos de seis municípios: Mazagão, Vitória do Jari, Anauerapucu (Santana Rural), Macapá Rural e região das ilhas do Pará (Afuá e Gurupá). A presença de alunos oriundos de municípios do Pará na EFAC se justifica pela proximidade geográfica, sociocultural e da realização de atividades econômicas parecidas entre os dois Estados. Tal fato demonstra que na *“Amazônia os rios não separam, mas quebram barreiras fronteiriças, pois a dinâmica sociocultural determina as relações estabelecidas para além das delimitações territoriais”* (GOMES, et al. 2020).

Procedimentos metodológicos

Tendo em vista os objetivos traçados, essa pesquisa assumiu um caráter qualitativo. De acordo com Oliveira (2008), a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como interpretativa e descritiva, tendo como objetivo estudar relações complexas através da compreensão e interpretação de um determinado fenômeno em seu contexto natural. No que se refere aos métodos de estudo empregados neste trabalho, utilizamos fundamentos metodológicos oriundos de diferentes métodos utilizados em pesquisa do tipo qualitativa, a saber: estudo de caso, fundamentos da pesquisa bibliográfica, e da interdisciplinaridade.

O emprego dos fundamentos do estudo de caso se dá em virtude de buscarmos compreender a relação entre território, conhecimentos tradicionais e locais e educação de realidades específicas – Bailique, Carvão, Beira Amazonas. Tal abordagem para Yin (2010) pode contribuir com o conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais e sociais de uma dada realidade. O estudo de caso foi escolhido, porque por meio dele é possível focalizar o modo de vida amazônico, além das particularidades das comunidades que compõem os territórios aqui analisados.

Este estudo pauta-se também na pesquisa bibliográfica, pois esse procedimento fornece a contextualização necessária sobre o tema investigado. É a partir da análise criteriosa das referências sobre o tema estudado que se pode selecionar informações relevantes de diferente natureza, formular hipóteses e perguntas a serem usadas em entrevista (PAIVA, 2019).

No que se refere o método interdisciplinar, este, por seu turno, estabelece a conexão entre um ou mais campos do conhecimento com o intuito de alcançar um conhecimento mais abrangente, ao mesmo tempo mais diversificado e unificado. Por meio da interdisciplinaridade busca-se um entendimento comum e/ou partilhado. As complexas e diversificadas atividades realizadas pelos povos e comunidades tradicionais no/e por meio dos ecossistemas, recursos e produtos que a Amazônia oferece devem ser, portanto, observadas e analisadas a partir de diferentes dimensões, abordagens e métodos. Daí a necessidade de se estabelecer relação e conexão com diferentes esferas do conhecimento, construindo, dessa forma, um trabalho interdisciplinar.

Vale destacar que a utilização de diferentes instrumentos de campos variados do conhecimento deriva da complexidade dos fenômenos e objetos a serem observados e analisados nesse trabalho.

Reflexões sobre território, saberes tradicionais/locais e educação no campo no contexto da Amazônia amapaense

Ao analisar a realidade educacional das populações tradicionais da Amazônia amapaense observou-se que as Escolas Agrícolas Agroextrativistas (EFAs) surgem como um elemento decisivo na manutenção e fortalecimento do território e do modo de vida desses sujeitos. As EFAs, como já assinalamos anteriormente, são instituições de ensino particular de caráter comunitário, sem fins lucrativos, geridas por associações de moradores e sindicatos rurais vinculados às comunidades.

O trabalho educacional das EFAs tem uma forte relação com a natureza e dialoga com os saberes/vivências amazônicas e científicos na construção do conhecimento. Procura-se envolver os alunos em práticas pedagógicas emancipatórias e libertadoras, bem como busca cultivar o sentimento de pertencimento ao território. Todos os esforços estão direcionados para que o estudante se torne

um cidadão consciente, ativo e capacitado para que então reverta todo conhecimento adquirido no ambiente escolar e em suas vivências em benefício às suas propriedades e à sua comunidade, e que tais benefícios se sustentem e possam trazer melhores condições de vida no campo para os que tem na terra, na floresta e nas águas o seu sustento e a sua existência ao mesmo tempo.

As EFAs buscam, desse modo, valorizar o território como espaço formativo, pois é nesse espaço que estes sujeitos realizam todas as suas ações, desde as relações pessoais e cotidianas até as complexas relações sociais. O território, de acordo com Becker (2010, p. 19), é o produto usado e vivido pelos autores, espaço das práticas cotidianas, relações pessoais e sociais.

A metodologia empregada nas EFAs é a Pedagogia da Alternância, pressuposto metodológico que articula tempo e espaço de aprendizagem, possibilitando o diálogo fértil e abrangente entre os saberes científicos e o contexto concreto no qual vive o estudante. Num processo dinâmico, o aluno vivencia, por um período, o tempo-escola, por outro, o tempo comunidade. O estudante é estimulado a observar e interpretar a sua realidade durante o tempo pedagógico em que convive com a família/comunidade e, no momento seguinte, já na escola, é levado a problematizar aquele contexto à luz dos conceitos científicos trabalhados no currículo. Mais tarde, de volta à sua comunidade e de posse do instrumento teórico adquirido no tempo pedagógico anterior, o estudante é incentivado a reinterpretar e intervir no seu território, o que, conseqüentemente, possibilitará novas observações e a recolha de outros problemas que realimentarão um novo ciclo de aprendizagens.

Nesse sentido, concordamos com a definição feita por Gimonet (1999, p. 44-45) que afirma que a Pedagogia da Alternância significa:

uma nova maneira de aprender, de se formar, associando teoria e prática, ação e reflexão, empreender e o aprender dentro de um mesmo processo. A alternância significa uma maneira de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos de experiências colocando assim a experiência antes do conceito (GIMONET, 1999, p. 44-45).

Desse modo, as EFAs inauguraram no estado do Amapá uma forma articulada de lidar com o conhecimento científico e com os saberes tradicionais e locais dos habitantes das águas, do campo e da floresta. Esse modelo de educação busca enfrentar desafios pedagógicos ligados à contextualização do currículo e problemas concretos atrelados ao desenvolvimento produtivo e social das comunidades atendidas pelas escolas. Roça e várzea das famílias dos estudantes passam a ser laboratórios, ao mesmo tempo em que espaços de aprendizagem no interior da escola ganham vida e se aproximam das comunidades e das propriedades familiares atendidas pela instituição. Numa verdadeira simbiose de saberes mediados pelo princípio educativo do trabalho, família e escola. As EFAs dão vida a um projeto educativo com potencial para incrementar não só a produtividade extrativista e agrícola local, mas, acima de tudo, fortalecer a identidade das populações tradicionais e incentivá-las a enfrentar os desafios do desenvolvimento e fortalecimento de seus territórios e modo de vida.

É, portanto, nesse cenário que surge a ideia de produzir o *Atlas Enciclopédico dos Saberes Tradicionais da Amazônia Amapaense*, o qual será descrito na próxima seção.

O atlas enciclopédico dos saberes tradicionais da Amazônia amapaense

A proposição de um atlas enciclopédico sobre os saberes tradicionais dos povos e comunidades da Amazônia amapaense tem como objetivo a valorização do conhecimento tradicional e local da sociedade amapaense, uma vez que se observa a necessidade urgente de se construir estratégias de fortalecimento e manutenção dos conhecimentos e memória dessas populações, pois estes saberes e sociedades estão cada vez mais ameaçados pelo interesse econômico que mercantiliza a vida, a natureza e o imaginário social.

Outro fator que impulsionou a produção desse material é torná-lo uma estratégia pedagógica

para uma adequação curricular voltada ao modo de vida dessas populações, considerando a complexidade socioambiental existentes nos territórios em que vivem esses sujeitos. Tornando-se, dessa forma, um elemento importante para transformar o ensino em algo estimulante, desafiador e inserido no contexto cultural e socioambiental dos estudantes.

O atlas, como mencionado acima, tem como finalidade articular os saberes locais e tradicionais com a práxis educativa nos ambientes formais e não-formais de educação, pois compreende-se que a educação não é apenas o cumprimento dos conteúdos estabelecidos, mas é uma prática sociocultural que se realiza coletivamente, transforma vidas e forma cidadãos comprometidos com o desenvolvimento comunitário.

O atlas se apresenta como um recurso didático-pedagógico facilitador na formação qualitativa do sujeito. Possibilita ao professor desenvolver atividades significativas, de modo interdisciplinar e transversal, dialogando, dessa forma, com as diferentes realidades dos estudantes. Por meio desse material, será possível trabalhar produção textual contextualizada, preservação dos recursos naturais, valorização da memória e da história local, bem como uma percepção mais apurada da construção e transformação da sociedade que, ao ocupar um espaço, modifica-o e, nesse processo, acaba por modificar o meio e a própria sociedade.

O atlas constitui-se como uma ferramenta que busca colaborar na construção dialógica entre os processos educativos que primam pelos saberes tradicionais e locais dos povos das águas, do campo e floresta e pela compreensão do território como um espaço de práticas de transformação e fortalecimento dos usos sustentáveis dos recursos naturais e preservação do modo de vida das populações tradicionais.

Essa versão do atlas, como já assinalamos, irá se debruçar mais especificamente sobre a complexidade sociobiocultural de três territórios da Amazônia Amapaense, são eles: o Arquipélago do Bailique, o Carvão (Mazagão), e o Beira Amazonas (Macacoari). Nesse sentido, o atlas será direcionado para as EFAs desses territórios, uma vez que essas instituições primam por uma educação baseada nos princípios da Pedagogia da Alternância que são: formação integral, associativismo, desenvolvimento do meio (socioeconômico, humano e político) e alternância, em que os saberes locais e tradicionais são basilares no processo educacional (GIMONET, 2007, p.15), princípios que esse material busca alcançar.

No que corresponde à estrutura do atlas, esse material é composto, por uma apresentação e por mais cinco capítulos. No primeiro, discute-se sobre a definição de um atlas, suas características e finalidades. O capítulo seguinte traz um breve panorama do estado do Amapá e seus municípios, apontando algumas características que forjam a identidade do povo amapaense. O terceiro capítulo se refere ao Arquipélago do Bailique. O quarto capítulo apresenta o território do Carvão (Mazagão). Por fim, o último capítulo se debruça sobre o território do Beira Amazonas (Macacoari). Na figura abaixo apresentamos a capa do atlas:

Figura 1. Imagem da capa do Atlas



Fonte: Atlas enciclopédico dos saberes tradicionais da Amazônia amapaense (Padovani, 2022).

O atlas reúne um conjunto de mapas desses territórios com o intuito de evidenciar os territórios onde essas populações vivem, a diversidade natural e cultural da Amazônia amapaense;

as formas de uso dos territórios no que diz respeito aos recursos naturais presentes nesses espaços. Além dos mapas, o atlas é composto também por um conjunto de textos explicativos sobre cada território, fotos e ilustrações que visam estimular a valorização dos saberes tradicionais e locais.

O material busca apresentar de forma didática o contexto sociohistórico de formação dos territórios, a organização social desses complexos sociais, as formas de ocupação e uso dos ambientes, as principais manifestações culturais, as atividades econômicas desenvolvidas em cada território, bem como as mobilizações sociais em prol do fortalecimento e empoderamento local.

O atlas busca, ainda, fomentar a prática de pensar/repensar/ressignificar as relações humanas, sociais e ambientais, com vistas a construção de uma sociedade sustentável. Buscou-se, por meio deste material didático, provocar, articular e sensibilizar os sujeitos envolvidos a refletirem sob a perspectiva de uma ecopedagogia ou Pedagogia da Terra (GADOTTI, 2005, p. 22)⁴. Tal abordagem procura articular diferentes possibilidades de intervenções para a construção de uma relação harmoniosa e respeitosa com o meio ambiente, características estas que coadunam com os objetivos desse material e com os princípios pedagógicos das EFAs situadas na Amazônia amapaense. Abaixo segue imagens da organização e do conteúdo desta obra:

Figura 2. Imagens do Atlas



Fonte: Atlas enciclopédico dos saberes tradicionais da Amazônia amapaense (Padovani, 2020).

Vale, ainda, mencionar que, ao final de cada capítulo há atividades pedagógicas de caráter interdisciplinar que buscam debater sobre o processo dinâmico e criativo que operam na construção da Amazônia amapaense, refletindo sobre o meio ambiente e os recursos que ele oferece, sobre modelos de desenvolvimento sustentável, bem como formas de fortalecer e registrar as narrativas e memórias das comunidades que compõem a Amazônia Amapaense.

Convém destacar que as atividades propostas ao final de cada capítulo não se fecham como um manual didático, mas apresentam-se como um guia para as discussões, isto é, como um ponto pé inicial, no qual o aluno, protagonista e construtor de seu conhecimento, junto com o professor e a comunidade em que está inserido poderá explorar com mais profundidade os temas elencados no material, pois a obra configura-se como um instrumento de mediação pedagógica para o processo de aprendizagem.

4 A ecopedagogia tornou-se, de acordo com Gadotti (2005), um movimento e uma perspectiva da educação maior do que uma pedagogia do desenvolvimento sustentável. Ela está mais para a educação sustentável, para uma ecoeducação, que é mais ampla do que a educação ambiental. A educação sustentável não se preocupa apenas com uma relação saudável com o meio ambiente, mas com o sentido mais profundo do que fazemos com a nossa existência, a partir da vida cotidiana.

Considerações finais

A educação das populações tradicionais da Amazônia amapaense ainda é um grande desafio, pois estes sujeitos possuem características que lhe são próprias, havendo, portanto, necessidade de se pensar uma escola, práticas pedagógicas e recursos didáticos que atenda essas características e que as use como ferramenta de manutenção dos saberes tradicionais/locais, modo de vida e fortalecimento territorial.

Percebe-se nesta dimensão, que o debate e a metodologia que as EFAs vem realizando nos territórios do Arquipélago do Bailique; Beira Amazonas e Carvão é uma alternativa viável a uma educação que integre os saberes tradicionais/locais e o conhecimento científico. Os conteúdos trabalhados na escola são organizados a partir da realidade dos estudantes, o que, por sua vez, possibilita a valorização dos territórios atendidos pelas escolas, das atividades agrícolas e extrativistas realizadas nas comunidades e propriedades das famílias desses alunos, bem como uso do meio ambiente e de seus recursos de forma sustentável.

A pesquisa realizada permitiu observar, ainda, que estas instituições trabalham no sentido de diminuir a distância entre escola, família e comunidade, pois seguem na direção de incluir diferentes sujeitos no processo educacional. Essas ações têm contribuído como desenvolvimento pessoal dos estudantes atendidos pelas EFAs, com o desenvolvimento socioeconômico das famílias e das comunidades, bem como o fortalecimento territorial.

Dentro dessa concepção de ensino, vemos como possível a utilização de um Atlas como o que se apresenta aqui, pois tal material se configura como um atlas enciclopédico de caráter pedagógico, pois procura descrever e documentar, de modo didático, a história, a memória e os saberes tradicionais e locais das populações tradicionais que vivem Amazônia amapaense, enfatizando o território como um espaço de formação e transformação humana.

O atlas, portanto, apresenta-se como um recurso didático para as EFAs, bem como uma estratégia pedagógica para uma adequação curricular voltada ao modo de vida dos povos das águas, do campo e da floresta, considerando a complexidade sociobiocultural existentes nesses territórios; Tornando-se, dessa forma, uma ferramenta que conecta os saberes tradicionais e locais com base em um saber-fazer no processo educativo para transformar o ensino em algo estimulante, desafiador e inserido no contexto cultural e socioambiental da Amazônia amapaense.

Por fim, destaca-se que o atlas fomenta, no contexto das EFAs, presentes no território que abrange Amazônia amapaense, uma discussão no paradigma decolonial de ensinar, pois propõem um debate crítico e criativo do processo de aprendizagem que faça sentido para o aluno, pois apresenta discussões que envolve sua identidade e ações no convívio cotidiano.

Agradecimentos

Agradeço o apoio e o incentivo da Universidade do Estado do Amapá (UEAP), através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP), que proporcionou a realização do meu estágio de pós-doutorado, no qual foi possível desenvolver esta pesquisa.

Referências

ALBUQUERQUE, U.P. Etnobotânica Aplicada à Conservação da Biodiversidade. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (Org.) **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife, PE: NUPPEA, 2010, p. 351-364.

ARROYO, Miguel Gonzales. A educação Básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, Miguel Gonzales; FERNANDES, Bernardo Maçano. **A educação básica e o movimento social do campo/ Articulação Nacional por uma educação básica do Campo**. Brasília. 1999.

BECKER, Bertha Koiffmann. Novas territorialidades na Amazônia: desafio às políticas públicas. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 1, p. 17-23, jan.- abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/d4vc5x595k5mJZfnMNNPKTs/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 de março de 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática Libertadora**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GADOTTI, M. Pedagogia da Terra e Cultura Sustentável. **Revista Lusófona de Educação**. v. 6, p. 15-29, 2005. Disponível <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/842>. Acesso em 15 julho de 2022.

GIMONET, Jean-Claude. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as casas familiares rurais de educação e orientação. In: **Pedagogia da alternância: alternância e desenvolvimento**. Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, 1999.

GIMONET, Jean Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**; tradução de Thierry de Burghgrave. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR Associação Internacional dos Movimentos Familiares Rurais, 2007.

NASCIMENTO, G.C.C. Mestre dos Mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal. In: CANANÉA, F. A. **Sentidos de Leitura: sociedade e educação**. João Pessoa-PB: IMPRELL, 2013.

OIT (Organização Internacional do Trabalho). Convenção nº 169. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/1989%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20Povos%20Ind%C3%ADgenas%20e%20Tribais%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20OIT%20n%20%C2%BA%20169.pdf>. Acesso em: 13 junho 2021.

PAIVA, V. L. M. Métodos de pesquisa qualitativa. In: PAIVA, V. L. M. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: **Território, Territórios**. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – Associação dos Geógrafos Brasileiros. Niterói, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Recebido em 22 de setembro de 2022.

Aceito em 18 de dezembro de 2023